

Conclusão

Em movimento

Toda obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto.
Gilles Deleuze.

Gostaria que esta parte final do corpo deste texto em movimento tivesse outro nome, que este espaço fosse ocupado por outra[s] palavra[s], que não se orientassem para um fim, nem em um sentido fixo como um ajuste de contas.

Palavras caídas, por exemplo. Em queda livre no espaço, durante, longe de atingir o solo. Como uma folha atirada bem do alto que vai caindo lentamente, desenhando seu deslocamento no ar. Algo em movimento, como um trem à noite atravessando a fronteira entre dois países. Um trem passando pelas bordas, entre dois lugares, nossa, mas é em um instante só que se cruza uma fronteira de trem! que se atravessa uma linha e assim se demarca o espaço de um país.

Aqui a fronteira é mais longa, como se os trilhos do trem estivessem sobre a linha que separa dois países muito extensos. Sobre a borda. E que o trem não seja assim apenas um movimento sobre trilhos numa direção precisa, num curso linear, mas que seja o movimento que desliza em continuidade, como abertura. Espaçamento e deslocamento para frente que contém vários tempos e que a vista pela janela, a paisagem em movimento, marca o [in]tocável da vida. Como no Trem das cores de Caetano Veloso: *"A franja na encosta cor de laranja/Capim rosa chá/O mel desses olhos luz, mel de cor ímpar/O ouro ainda não bem verde da serra/A prata do trem/A lua e a estrela/Anel de turquesa/Os átomos todos dançam, madrugua/Reluz neblina..."* Esse movimento é o início de um percurso. Uma travessia sobre trilhos ao longo de uma fronteira comprida.

A viagem começou com os filmes, com o impacto do cinema sobre uma vida. Visto que o cinema como apresentação da vida em movimento tornou o

cotidiano extraordinário, no sentido em que ver uma mulher fumando, um menino carregando uma garrafa de leite ou o dia mais banal da pessoa mais ordinária na tela do cinema tem uma força e um impacto tremendo.

Se destaquei, então, essas cenas como um instante de potência durante os filmes, foi na intenção de me aproximar do corpo, no sentido de que a tomada do corpo nessa dança iminente poderia estar em todos os lugares. A dança não é assim simples ilustração de um corpo liberado, ela é explosão no que ela é a própria exposição que o corpo é. Passagem de vida na própria vida. Vida que pulsa antes de uma noção e que é sensação, que toca no mundo, ocupa e cria espaços e que se faz no corpo e no pensamento como abertura de sentido.

No interior da viagem já havia a dança, essa forma de falar nas bordas da fala, e a escrita se fez no entendimento de um pensamento que é corpo, na tentativa de ser corpo que se escreve em uma escrita que é corpo e pensamento em movimento, seduzidos por formas de olhar e escutar para outros corpos que dançam.

Chego aqui nesta página com várias portas abertas, acreditando nas intuições que moveram esse ensaio. O corpo precisa ocupar espaço, se destrancar e se movimentar, ver alguém dançando é contagiante, e o cinema como técnica capaz de registrar o movimento se desenvolveu de tal forma que se tornou um modo de apresentação de vida exemplar. Um espaço de ressonância e encantamento.

As portas abertas se estendem aos espaços que o corpo e o pensamento podem ocupar; a outras escritas por vir, a outras formas de olhar e escutar para outros corpos, dançantes, escritos, filmados; a um exercício de pensamento que não se aguenta trancado, que precisa se movimentar e dançar.